

CIÊNCIA, MAGIA, PÓS-MARXISMO E NEOLIBERALISMO

José Roberto Iglesias

As filosofias pós-modernistas negam a possibilidade de conhecer a Verdade ou a Realidade, impondo o Particularismo como dogma. Os meios de comunicação difundem as mais variadas vertentes místicas. Os políticos neoliberais, por sua vez, decretam a Globalização como modelo único e indiscutível. Enquanto isso, a racionalidade e a ciência parecem relegadas ao Jurassic Park das idéias. Porém, particularismos, misticismos e globalização constituem conceitos objetivos e sem segundas intenções? Ou servem a interesses econômicos e políticos bem definidos e não tão modernos?

«Feliz é o homem que encontrou a Sabedoria
e que é rico em inteligência
porque ela é mais valiosa que a prata
e são seus frutos melhores que o ouro mais fino»

Provérbios 3, 13-14

A Deusa Razão

A citação do livro dos *Provérbios* sintetiza a noção que as sociedades antigas tinham do saber: a Sabedoria era a maior das virtudes, a que colocava o homem mais perto de Deus e valia mais do que as riquezas materiais. Na tradição judaico-cristã, a idéia de Sabedoria não se limitava ao *conhecimento* científico do mundo tal como o entendemos hoje; tratava-se de um conceito mais abrangente, que incluía aspectos não puramente racionais – no Antigo Testamento a fonte da Sabedoria é atribuída à inspiração divina. E a Sabedoria do antigo Israel não se restringia à compreensão do homem e da natureza, não bastava ter o conhecimento das coisas; o homem sábio era justo, sabia como *agir bem*. A Sabedoria era então a base da ética e ensinava o modo *certo* de agir.

A fusão entre Sabedoria e agir direito é também uma característica do pensamento grego: um dos primeiros filósofos de Mileto, Anaximandro, afirmava que os objetos naturais obedecem a leis e se ressarcem mutuamente, da mesma forma que os homens se submetem às leis e reparam suas faltas. A atitude científica racional dos gregos tinha seu alicerce na idéia de que, assim como a sociedade humana está submetida a uma organização sábia – existe um código que rege o comportamento social das pessoas, e quem não obedece a esse código é punido – da mesma forma deve estar organizado e regido por leis o mundo natural. As ciências da natureza se desenvolvem junto com a filosofia da Grécia Antiga a partir desta premissa: *o Universo, assim como as sociedades humanas, está regido por leis*. É sobre este princípio que repousam o pensamento e a ciência ocidentais. O próprio cristianismo, apesar de professar uma fé religiosa, adota como seus o racionalismo e a interpretação do Universo enquanto realidade exterior *compreensível* pela mente humana. Mais ainda, a lógica e a própria física aristotélicas são incorporadas como paradigmas pela teologia cristã da Idade Média, e São Tomás de Aquino pretende provar a existência de Deus utilizando argumentos puramente racionais: Deus tem que ser um Ser lógico.

A ciência moderna nasce da tradição do pensamento racional grego. Estrutura-se na Renascença, pelas mãos de Kepler, Galileu e Newton, e recebe sua metodologia de Descartes, que coloca a lógica e a dedução como pedras fundamentais da arquitetura cartesiana. Foi esta ciência racional, cuja linguagem, como

diz Galileu, é a matemática, que contribuiu para as revoluções industrial e política que impulsionaram o advento do capitalismo e o fim das monarquias.

Não que as ciências *ocultas* – derivadas, entre outras, das religiões egípcias e babilônicas, da cabala hebraica e de outros conceitos místicos, herméticos, e mesmo da bruxaria – não importassem, pois Newton tivera suas veleidades de alquimista e Kepler acreditava no postulado pitagórico-platônico da harmonia das esferas celestes. O racionalismo, apesar de ter ajudado a destruir o poder absoluto dos monarcas europeus, ainda conservou suas raízes teístas nas tradições judaica e grega e guardou uma atitude reverente para com a Sabedoria (sempre com maiúscula), atitude que ganhou nova força com o Iluminismo dos séculos XVIII-XIX. Com efeito, poucas vezes, na história, a ciência receberia um voto de confiança e um apoio oficial tão grandes (por razões mais pragmáticas do que filosóficas, é verdade) como na França da Revolução. Não foi só a Assembléia a sustentar a pesquisa científica e os projetos dos enciclopedistas; mais tarde, sob o império de Napoleão, são criadas as *Grandes Ecoles*, ainda hoje base da intelectualidade francesa. Finalmente, não deixa de ser paradoxal que no Século das Luzes a racionalidade seja considerada um atributo tão importante do ser humano e da sua forma de lidar com a Natureza. A Razão do Iluminismo, transformada em objeto de veneração religiosa, é em tudo comparável à idéia de Sabedoria (e portanto de Deus) das primeiras religiões monoteístas. Ao mesmo tempo é inegável que a confiança na Razão se faz acompanhar por uma boa dose de sensualidade e erotismo: a deusa Razão era personificada em cerimônias por belas jovens; nas telas de David, o elogio à Revolução manifesta-se em figuras mitológicas seminuas e, na estátua de Barrias, uma bela Natureza se oferece, sedutora, para o cientista¹.

A Razão e a Ciência são consideradas então como o único caminho que conduz à *Verdade*, única e exterior ao indivíduo. Na ótica iluminista, o conhecimento total da Realidade seria questão de tempo; o progresso indefinido da ciência levaria a ela e em conseqüência a uma sociedade perfeita. Os iluministas, na sua convicção de que a ciência chegaria finalmente ao conhecimento total da Natureza, faziam mostra de uma fé semelhante à do cristianismo judaico, que reaparece ainda no século XX pelas considerações místicas e estéticas presentes em diversas teorias físicas e biológicas. Um exemplo típico é a teoria do *Big Bang*, que coloca a origem do Universo em uma explosão primordial, apresentando curiosas coincidências com a descrição da origem do mundo de muitas religiões.²

É neste clima de racionalismo vitorioso que nascem, no século XIX, as grandes teorias da ciência moderna: teoria eletromagnética, termodinâmica, tabela periódica dos elementos, teo-

¹ No Campo-santo de Pisa, a ciência é representada por uma bela mulher nua deitada sobre o túmulo de um acadêmico.

² Ver artigos do autor em *Humanidades* (Brasília) v. 7, número 2, p. 152 e número 3, p. 228 (1991).

ria da evolução, etc. O fervilhar de idéias nas ciências da natureza tem grande influência nas ciências humanas, e o século XIX vê o nascimento do marxismo e da psicanálise – que constituem de certa forma a culminação da filosofia racionalista. O marxismo, análise *científica* dos processos econômicos gerados pela revolução industrial, estende as leis do materialismo dialético ao estudo da história e termina desenvolvendo um sistema filosófico completo; segundo ele, através da dialética da luta de classes, a humanidade marcharia inelutavelmente para um estado final de felicidade – o comunismo, sociedade sem classes em que não haveria nem exploradores nem explorados. A doutrina marxista compartilha assim com o cristianismo o desígnio de fornecer uma explicação total do homem e do mundo: trata-se de uma cosmovisão, uma fé atéia num fim da história com o Paraíso na Terra. Por esse motivo, a Igreja Católica combateu tão obstinadamente o comunismo, não tanto pelos seus ideais de justiça social, que em alguns aspectos são bastante próximos aos das encíclicas papais, mas por tratar-se de um competidor com as mesmas ambições globais do Vaticano.

Sigmund Freud, pai da psicanálise, expõe a mesma confiança na razão e na possibilidade de conhecer e entender a alma humana, último reduto de mistério. Ele cria a ciência da *psique*, permitindo não só entender a mente mas também sarar suas doenças: as neuroses. E estende suas teorias à sociologia e à epistemologia: confiante na Razão, no seu livro *Totem e Tabu* descreve como a sociedade segue uma evolução semelhante à do ser humano, passando primeiro por uma etapa mágica, depois por uma fase animista e religiosa, ambas irracionais, para finalmente atingir a etapa racional, científica. Mais modernamente, um progresso semelhante, por etapas, é explanado por Carl Sagan no livro *Os Dragões do Éden*, onde discute a conformação anatômica do cérebro na base de determinada evolução das suas funções, desde uma fase primordial, chamada de *reptiliana*, até o moderno pensamento racional, característico do *córtex* cerebral, culminação do processo evolutivo.

Finalmente, é interessante destacar outra face da herança iluminista: como consequência da deificação da Sabedoria (e portanto da ciência), o cientista adquire papel equivalente ao do sacerdote. De fato, na antigüidade os cientistas exerciam com frequência funções ligadas ao sacerdócio. Fica explícito, também, no texto bíblico citado, que a Sabedoria é para o sábio riqueza maior que o ouro e a prata, idéia muito útil para os patriarcas da revolução industrial: enquanto os cientistas podiam padecer privações que nada significavam comparadas ao valor dos seus conhecimentos, os pobres capitalistas, privados dos gozos da inteligência, deviam contentar-se com enriquecer, aplicando no processo de produção as tecnologias decorrentes das descobertas científicas.

Ainda hoje a profissão de cientista é tida como um sacerdócio, sendo comum a crença de que as pessoas que trabalham em pesquisa deveriam sentir-se satisfeitas apenas com o seu saber, desprezando as vaidades do mundo, riquezas e dinheiro. Salário baixo e fome supõem-se sejam estímulos para a criatividade.

A heresia quântica

Não há religião sem heresias, e não seria diferente com a ciência. Os tempos mudaram, não só porque os cientistas não querem mais trabalhar sem serem pagos, mas também porque as relações entre Verdade, ciência e tecnologia sofreram rápidas transformações. No início do século XX, a ciência continuou seu progresso a um ritmo alucinante: teorias sucederam a teorias, uma mais revolucionária que a anterior, como se fosse um eco do otimismo dominante naqueles loucos anos 20 – os *roaring twenties*. Mas foram precisamente essas novas teorias que geraram uma reviravolta na evolução das idéias.

Na primeira metade do século XX e durante os *anos dourados* da década de cinquenta, tudo levava a acreditar na perenidade do racionalismo. Apesar da irracionalidade de duas grandes guerras, a rápida evolução da medicina, da eletrônica, da tecnologia de telecomunicações, a incipiente conquista do espaço, a propaganda americana dos *átomos para a paz*, pareciam confirmar a impressão de que a ciência seria a panacéia capaz de resolver todos os problemas humanos. Todavia, no período posterior à segunda grande guerra, e durante a guerra fria, surge um processo de crítica e autocrítica, que se inicia como reação às novas armas nucleares, continuando nos anos sessenta com os movimentos estudantis, os pacifistas e os *hippies*, e nos setenta com a contestação de uma industrialização desenfreada que leva à destruição sistemática do meio ambiente.

A sociedade e os modelos políticos também mudam: as democracias se consolidam na Europa e nos Estados Unidos, enquanto o comunismo entrincheira-se por trás da Cortina de Ferro; nacionalismo, populismo, ditaduras militares, *desarrollismo* e industrialização acelerada coexistem na América Latina. Tudo se transforma para tudo continuar igual; o poder econômico permanece nas mesmas mãos ou, em outras palavras, concentra-se cada vez em menos mãos, as grandes corporações. A ciência entra em crise (e com ela os cientistas), crise de consciência, afinal tem contribuído, muitas vezes de forma involuntária, para desenvolver um modelo de sociedade que depreda *cientificamente* o homem e a natureza; crise de criatividade, pois nos anos 70 parece haver acabado a era das grandes descobertas, com alguns autores falando até no *fim da ciência*.

Com efeito, a ciência que tinha certeza da Verdade terminou, e a *nova ciência* está cheia de dúvidas. Atribui-se a Ortega y Gasset a afirmação de que muitos dos males do mundo provêm do fato de que os sábios estão cheios de dúvidas, enquanto os ignorantes estão cheios de certezas. No fim do século XX não é assim: os sábios têm *certeza* das suas *incertezas*. Se no Iluminismo a dúvida referia-se à possibilidade de algum dia abarcar toda a Verdade, atualmente existe a certeza de que esse objetivo é inatingível. A Verdade inexistente, e, portanto, tampouco as dúvidas, já que estas decorrem de uma falsa opção que a falta de uma verdade objetiva transforma em algo estéril. Como conclusão lógica, todas as afirmações da filosofia e da ciência não passam de meras opiniões que têm pouco a ver com Realidade ou Verdade, e se têm a ver não é relevante, já que ninguém pode *realmente* conhecer.

A origem dessa transformação pode ser situada no surgimento da Física Quântica, nos anos 20-30, mesmo que as implicações filosóficas desta teoria aparentemente passar despercebidas até os anos cinquenta. A teoria quântica afirma que a evolução no tempo das partículas microscópicas – por exemplo átomos e elétrons – só pode ser entendida abrindo mão do determinismo intrínseco das leis da mecânica newtoniana. O mundo material deixa, assim, de ser determinístico e passa a ser probabilístico. Mais ainda, a interpretação geralmente aceita da teoria, chamada *Interpretação de Copenhague*, implica, levada às últimas conseqüências, a impossibilidade de conhecer ou descrever a Realidade externa quando ela não está sendo observada³. Assim, por exemplo, é impossível falar da *trajetória* de uma partícula, já que o aparelho de medição detecta a posição ou a velocidade do corpo, mas não as duas simultaneamente.

Além de contrariar a idéia intuitiva de que a partícula ocupa com continuidade posições sucessivas no espaço e ao longo do tempo, independente de estar sendo medida⁴, a *Interpretação de Copenhague* leva a desfazer a *unidade* do mundo físico estabelecida por Newton: de fato, nas teorias clássicas, Homem e Universo são manifestações da matéria; já nas teorias quânticas, o *observador* (o homem) é colocado num plano separado, diferente do Universo observado; este último pode até existir, mas no que se refere à ciência, o que interessa são suas representações e relações na *consciência privilegiada do observador*. É óbvio que uma teoria do conhecimento com tais postulados influencia fortemente a filosofia, porém a recíproca também é válida; Selleri sustenta, em seu livro *O Grande Debate da Teoria Quântica*, que a interpretação probabilística da teoria quântica é parcialmente motivada pela posição filosófica *prévia* dos seus autores, principalmente Born, Bohr e Heisenberg. Escrevera Bohr, por exemplo: “É falso pensar que o objetivo da física é saber como é feita a natureza. A física está somente preocupada com o que pode ser dito sobre ela (a

³ ibid. 2.

⁴ A Lua, por exemplo, gira em torno da Terra mesmo quando não a vemos?

natureza)”, e Heisenberg: “Para a moderna ciência da natureza não existe mais objeto material na base, mas só uma forma, uma simetria”. A posição filosófica dos defensores da escola de Copenhague não é então sem conseqüências na sua interpretação da teoria.⁵

⁵ É bem sabido que outros grandes físicos, como de Broglie, Einstein e Planck, opuseram-se a esta visão da realidade, como resume Einstein: *Deus não joga dados.*

A *Interpretação de Copenhague* foi a vencedora no grande debate quântico, e assim suas conclusões foram aplicadas às outras ciências e à própria filosofia. A física quântica introduziu uma visão *relativa* da realidade (e não a teoria da relatividade, esta, sim, bem realista). Um exemplo típico é o caso das ciências sociais: nos anos sessenta, a sociologia tentou equiparar-se às ciências chamadas *duras* e elaborou complicados modelos matemáticos, tentando prever o comportamento social e a evolução da sociedade, pelo menos no futuro próximo. Tais modelos (o mais conhecido foi o chamado relatório do Grupo de Roma), muitas vezes catastrofistas e contraditórios entre si, geralmente forneciam uma descrição numérica *a posteriori* de um evento, e mostraram ser de pouca utilidade nas suas previsões. Em particular, um processo revolucionário era impossível de ser previsto dentro de modelos matemáticos lineares. Nos anos 80 a sociologia parece renunciar ao objetivo de obter um modelo global e se limita à descrição separada dos diferentes grupos sociais. Veja-se, porém, que este não é o caso da física quântica que, mesmo abdicando do conceito de realidade externa objetiva, constitui uma teoria universal com aplicações tecnológicas (semicondutores, laser) que confirmam se tratar de uma descrição muito adequada dos fenômenos físicos. Nas ciências humanas, o relativismo é hoje aceito sem grande controvérsia, muitas teorias ou filosofias coexistem com igual valor de mercado: não há uma mais próxima da realidade que outra, todas descrevem parcialmente aspectos da realidade ou realidades particulares. É a era do *particular* e do *relativo*: o *pós-modernismo*. Pós-modernismo que resgata as diferenças, com o risco de condenar à morte as regras gerais, em particular a ética e a idéia de um projeto global de sociedade.

Islã e Europa

O relativismo não pode ser entendido como um esquema de pensamento abstrato e desligado da realidade, na medida em que tem influência concreta no cotidiano da educação. Como exemplo, expomos o relato de Maria, professora de segundo grau de Parma, Itália. Quando ela explicava em sala de aula a Teoria da Evolução de Darwin, recebeu queixas dos seus alunos islamitas (que hoje constituem aproximadamente 10 a 15 por cento dos educandos em qualquer escola italiana ou européia); eles contestavam a validade dessa teoria porque, segundo sua religião, o homem fora criado por Deus à sua imagem e semelhança. (Con-

⁶ ● problema da integração dos imigrantes de religião islâmica é um dos mais sérios da comunidade européia. No que se refere à educação das crianças, as famílias mais ortodoxas se opõem a que estas estudem ciências e particularmente a biologia, e a que as meninas façam ginástica, além de insistir no uso do véu islâmico. Na França, os muçulmanos já constituem a segunda religião em número de fiéis.

vém destacar que esta posição já foi defendida pela Igreja Católica e que nos Estados Unidos setores da direita política defendem o ensino do *criacionismo* – leitura linear dos textos bíblicos – como uma teoria científica em pé de igualdade com a da evolução). O protesto convicto dos islamitas, fruto de uma educação religiosa ortodoxa⁶, se contrapõe à atitude da professora que, para dar uma resposta *racional*, teve que apelar aos seus conhecimentos de epistemologia e usar o conceito popperiano de refutabilidade de uma teoria, isto é, o recurso de que uma teoria científica é válida (que não significa o mesmo que verdadeira) quando é refutável, ou seja, quando é possível levantar objeções que a teoria teria possibilidade de responder e refutar. Nesse sentido, explicou ela, a Teoria da Evolução é uma teoria refutável, portanto válida. Porém, essa resposta não satisfaz aos estudantes, que queriam saber como se originaram *realmente* as espécies. Eles não se conformavam com uma teoria coerente e sem contradição com o observado. Procuravam, como muitos filósofos, a *Verdade*, palavra tabu, que nem a professora, nem os filósofos e cientistas podem usar. Verdade é hoje uma palavra politicamente incorreta.

Uma teoria é refutável, o que permite prever que nenhuma é definitiva, sendo mais cedo ou mais tarde substituída por outra, assim como a física newtoniana foi substituída pela teoria da relatividade e pela física quântica, ou a teoria da adaptação das espécies, pela teoria da evolução. Nenhuma teoria, nova ou antiga, poderá dizer se foi assim mesmo que as espécies apareceram no mundo ou, para citar outro exemplo, se o Universo teve verdadeiramente a sua origem numa grande explosão primordial. Isto pode parecer normal quando se discutem objetos tão dificilmente visíveis como átomos e elétrons, ou longínquos no tempo (e irreproduzíveis em laboratório) como a origem do Universo, mas já não nos parece tão convincente quando queremos saber a origem do homem, menos ainda quando falamos em computadores, em antibióticos e vacinas, ou ainda em quem matou John Kennedy ou Salvador Allende.

Nenhuma teoria científica constitui uma verdade definitiva, uma descrição fechada do mundo. Hoje ninguém pretende ter a descrição completa e final do homem e da natureza. Toda teoria pode e *vai* ser mudada. Em geral a nova teoria incluirá a anterior como caso particular ou como caso limite. Ou seja, mesmo a teoria destronada é útil para descrever a realidade em forma *parcial*. A coerência interna ou a adequada descrição da Realidade constituem provas da validade de uma teoria, porém a tecnologia também constitui uma verificação de que as teorias científicas não são fantasias de uma mente particularmente dotada para as matemáticas⁷: antibióticos e vacinas, televisão e computadores, funcionam na base de descrições científicas da realidade. Essas aplicações tecnológicas não podem ser resultado de coincidências for-

⁷ A matemática é uma criação humana e a descrição matemática do Universo constitui uma *interpretação* da natureza, uma leitura em linguagem adequada a nossa estrutura mental. Nada impede a existência de outras linguagens, mas até agora nenhuma tem se mostrado tão exitosa.

tuitas. Assim sendo, parece razoável manter na escola o ensino não só da teoria da evolução das espécies, mas das ciências em geral (ou seja, das teorias científicas), como uma forma de aproximação do conhecimento de uma realidade objetiva; parece também razoável supor que nem todos os modelos de mundo são igualmente válidos. Aceitar a existência – no passado e no presente – de uma realidade exterior a nós mesmos, além de ser senso comum, é uma atitude de humildade do homem frente à natureza. A realidade existe e sofre mudanças segundo processos e formas determinadas, mesmo que para nós desconhecidas; as teorias científicas contêm um certo grau de aproximação, ou de reconstrução da mesma em nossa mente. Tal aproximação pode ser até grosseira, mas tem um componente racional, dado precisamente pela possibilidade de ser refutado, fato suficiente para que tenham que ser consideradas como diferentes das crenças e dos mitos.

Falando em mitos e teorias e retornando ao relato de Maria (a professora *parmigiana*), esta, além de constatar seu mal-estar de pós-modernidade por ver-se obrigada a dar uma resposta indireta e pouco convincente, ficou espantada ao perceber a indiferença dos seus outros alunos – os não-islâmicos – que não demonstravam nenhum interesse nessa discussão. Seus alunos europeus não estavam preocupados em saber se o darwinismo é verdadeiro ou refutável, porque para eles isso não é relevante. Tudo o que aconteceu até ontem, aí incluídos o *Big Bang*, os Beatles, a origem das espécies, o nazismo e o último filme da Sharon Stone, não têm a menor importância para sua vida; só lhes interessa aquilo que está ligado ao princípio do prazer, aquilo que afeta de alguma forma sua vida presente e seu futuro. O europeu moderno é um homem cheio de certezas, profundamente egoísta, sem dimensão social, completamente despreocupado com o que vai além do seu próprio nariz.⁸

Esta história mostra em escala reduzida a Europa e o mundo em 1997: a convivência entre grupos cujo único objetivo é a busca do prazer e a da realização individual, e outros que, por razões religiosas, ideológicas, ou simplesmente por estarem excluídos de um modelo de vida baseado no consumo e no lucro, têm certeza de possuir uma série de verdades superiores e indiscutíveis. Isto se aplica aos fundamentalistas islâmicos, sem dúvida, mas não só a eles, na medida em que inúmeros conflitos e guerras (que têm sua origem em motivos aparentemente banais e difíceis de explicar num mundo civilizado) dilaceram a ex-Iugoslávia, a antiga União Soviética, o País Basco, a Irlanda, o Sri Lanka, a Colômbia, o Kurdistan. Os Estados Unidos sofrem os efeitos do terrorismo dentro das suas próprias fronteiras e o Ocidente poderoso, que conseguiu vencer o nazismo e a guerra fria contra o comunismo, contempla hoje, impotente, conflitos tribais dentro de suas próprias fronteiras. As guerras tribais mostram também o

⁸ Diz Eric Hobsbawm no seu livro *Era dos Extremos: "A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. (...) laços e solidariedade de grupos não econômicos eram agora minados (...) o velho vocabulário moral de direitos e deveres, pecado e virtude, sacrifício, consciência, prêmios e castigos não podia mais ser traduzido na nova linguagem de satisfação dos desejos."* São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 328.

⁹ Hobsbawn, *ibid.* 8.

anseio desesperado de algumas comunidades de diferenciar-se, de pertencer a uma comunidade, tribo, etnia ou religião⁹. O princípio do prazer e o individualismo conseguiram o efeito contrário, isto é, o anonimato, a falta de individualidade, a uniformização global; os *shopping centers* são os mesmos em qualquer ponto do planeta – *no-places* –, e o indivíduo capturado na armadilha do consumo consegue apenas diferenciar-se pela cor do carro ou, se tem meios, comprando um *carro importado*. O separatismo e as guerras de independência estão justo um passo além do sonho do carro importado, de classe média.

Marxismo e neoliberalismo

Depois de criticar durante anos a prática do *partido único* dominante na União Soviética e nos países socialistas, os países do Primeiro Mundo impõem ao planeta a *doutrina única*: o liberalismo econômico. O liberalismo impera hoje sem rivais em quase todos os países, com raríssimas exceções. A última ideologia concorrente começou a cair com o muro de Berlim e afundou definitivamente junto com a ex-União Soviética. Queda política e queda moral, especialmente quando foi constatada a cruel realidade do *paraíso* soviético, baseado no atraso, na desigualdade e na destruição do meio ambiente. Daí para frente os grandes conglomerados econômicos e financeiros governam os governos e regem os destinos da sociedade tendo como única ideologia o *lucro*. O poder econômico dos bancos é maior que o das indústrias e o jogo do dinheiro na bolsa desvincula o valor de mercado de uma empresa do seu valor real em capacidade de produção ou de mercadoria. O homem fica eclipsado entre os fundamentalistas que se dizem discípulos de Maomé e as grandes corporações que dizem procurar o máximo de eficiência (e de ganância). A violência dos fanáticos, praticada por alguns parece mais humana (no sentido de ser uma expressão irracional característica da espécie) que a das corporações que matam em silêncio, como um vírus. Em todo caso, o que caracteriza as duas é a negação do valor da vida humana e a completa insensibilidade frente ao sofrimento.

A última filosofia humanista deste século foi o marxismo, e uma boa parte da sua análise da realidade continua válida, mesmo depois da queda da Cortina de Ferro. Hoje, no entanto, é de bom gosto condenar as teorias marxistas de forma unilateral, mostrando-as como uma concepção completamente ultrapassada. Os sobreviventes comunistas são considerados velhos e rígidos dinossauros que não conseguiram adaptar-se no novo ambiente neoliberal e globalizante. Pensadores (ou propagandistas?) como Francis Fukuyama, Paul Johnson ou “os perfeitos idiotas latino-americanos” viraram estrelas globais, reeditando *slogans* direitistas de fim de século XIX, como a idéia de que as classes sociais

não existem, são um invento dos comunistas (Fukuyama) ou de que na Universidade não se deve fazer política (Johnson). É verdade que o *comunismo* adotado pela União Soviética (e mais tarde pela Europa Oriental) é diferente da proposta original dos escritos de Marx e Engels. Também a Rússia encontrada pelos bolcheviques ao tomar o poder não tinha, segundo a teoria, as condições *objetivas* para construir o comunismo, e os seguidores de Lenin achavam que ela seria apenas uma cabeça de ponte para propagar a revolução na Alemanha e no restante da Europa. É difícil avaliar até que ponto a *ditadura do proletariado* – conceito leninista que implica, na prática, ditadura do partido – teve sua origem somente na vontade anti-democrática da cúpula do partido, ou no fato da Rússia ter enfrentado a agressão e o isolamento por parte dos países ocidentais. Em todo caso, a União Soviética foi obrigada a erguer sua economia entre as duas guerras, sem ajuda externa, e para isso teve que aplicar planos quinquenais draconianos (é claro que isto não justifica de maneira alguma os massacres ordenados por Stálin). Ao mesmo tempo, procurou assegurar sua sobrevivência expandindo a *revolução* ao resto do mundo, baseada na idéia de que o comunismo só poderia subsistir se fosse aplicado globalmente. A ditadura do partido e a ação *evangelizadora* global transformaram a teoria científica em uma missão secular, líder de uma cruzada de libertação das classes oprimidas. Esse lado religioso aparece também nas cerimônias de autocrítica, que se constituíram em autos de confissão, contrição e flagelação mais do que em análise científica autêntica; tratava-se de uma nova Inquisição, muitas vezes montada para justificar expurgos de dissidentes¹⁰.

¹⁰ Algo similar aconteceu com a teoria psicanalítica, que derivou em “*escolas*”, algumas com alto conteúdo irracional, como as que pregam a regressão a vidas passadas, e quase todas com rituais de iniciação, regras de conduta, excluídos e dissidentes.

Assim como os direitos humanos foram enunciados durante a Revolução Francesa, e depois massacrados pela própria Revolução, mas sobreviveram como princípios universais (mesmo que ainda hoje não respeitados), é provável que muitos dos princípios do socialismo sobrevivam à queda dos regimes que se autodenominavam *marxistas*.

Por outro lado, o marxismo não é a única ideologia a possuir um lado religioso. Hoje, no Brasil, é possível presenciar uma luta entre crenças mais do que uma discussão entre modelos de sociedade. No debate político, as modas ocuparam o lugar das idéias. A ideologia dominante é a *globalização* e ninguém, nem seus defensores, nem seus críticos, está realmente interessado em discutir outras alternativas. Os antigos marxistas sustentam a preservação das empresas públicas, mas, sem muitos argumentos, constituem-se em fiéis seguidores de uma tradição herdada que fornece a segurança da coisa conhecida, o *conservadorismo revolucionário*. Já os neoliberais votam, por convicção ou conveniência pessoal, em transformações impostas pela ordem econômica mundial que não chegam a ser devidamente discutidas pela sociedade. Ninguém sabe se a globalização é realmente o melhor para

o país; o certo é que os governantes cuidam para que ela seja aplicada quando é estritamente conveniente, por exemplo para congelar os salários, e que não se aplique quando essas regras do mercado exigem taxas de câmbio reais, ou que bancos falidos fechem. Os mesmos que pediam a abertura do mercado se espantam agora porque os chineses vendem sapatos baratos demais (prática rebatizada de *dumping*), ou porque o carro estrangeiro custa menos que o nacional, e pedem a taxa de importações. Mas em momento algum se discute o modelo de sociedade nem as carências do serviço público: educação, saúde, telefonia, etc. Não é globalização o que se aplica no Brasil. Utiliza-se um discurso globalizador como desculpa para uma retrógrada política conservadora que visa manter os privilégios de determinados grupos de poder.

Florais e ressonância magnética

É nessa sociedade sem projeto coletivo, sem debate, cuja única constante é o indivíduo e o consumo, que a ciência tenta encontrar seu caminho para o ano 2000.

A América Latina já foi administrada no início do século por governos conservadores que consideravam a ciência e a educação como luxos destinados a uma camada privilegiada da sociedade, e como superestruturas desligadas do processo produtivo. Depois da crise de 30 e do fim da segunda guerra, os governos ocidentais, movidos pela necessidade de lutar contra o apelo sedutor do comunismo, aplicaram um capitalismo *keynesiano*, investindo em projetos de industrialização, saúde pública, moradia popular e, simultaneamente, em ciência e educação. Como consequência, uma percentagem enorme de jovens fez curso universitário e obteve uma formação profissional. Ao mesmo tempo, as universidades criaram e estimularam laboratórios, plantas pilotos e projetos de pesquisa, enquanto Conselhos de Investigações Científicas e Tecnológicas foram criados em quase todos os países latino-americanos. Nos anos setenta chegou a ser debatido inclusive qual o tipo de ciência a ser desenvolvida nas nações em *vias de desenvolvimento*. Esse debate, contudo, nem prosperou nem teve maiores efeitos práticos; alguns países, como a Argentina, tentaram dar ênfase à ciência aplicada, até com a designação pitoresca de *ciência nacional e popular*, projeto que durou tão pouco quanto a democracia no poder, em 1976, substituída pela sangrenta ditadura de Videla, responsável pelo obscurantismo na educação, na ciência, e em todos os níveis da atividade social. O retorno da democracia em 1982 não mudou de forma significativa esse panorama.

Já o neoliberalismo atual, modelo oficial do *Mercosul*, significa um retorno aos anos 20. Os governos do Cone Sul têm um

discurso a favor da ciência e da educação e uma prática similar aos governos conservadores do início de século. Mais uma vez o debate é colocado em termos falsos: enquanto os defensores da pesquisa financiada pelo setor público reclamam verbas, o governo as corta, e a discussão sobre os objetivos e prioridades da pesquisa científica e da educação continua adiada. Provavelmente por se tratar de uma discussão que não interessa nem aos cientistas nem aos políticos, uns preocupados em cortar verbas, outros em manter o *status quo*.

É assim que a ciência chega a sua crise (de terceira idade?). Além do modelo político em que está inserida, das teorias epistemológicas e das críticas relativistas das filosofias pós-modernas, seu valor é questionado socialmente. De Hiroshima em diante, passando por Tchernobyl e pela destruição da camada de ozônio, a desconfiança da sociedade com respeito à validade da ciência e às vantagens da tecnologia, parece indicar que ela está desacreditada, que seus valores, métodos e resultados não são mais aceitos e que a humanidade está à procura de novos caminhos: religiões orientais, gnomos das florestas, ou um bom e tradicional *trabalho* com galinha e cachaça.

O impressionante progresso da ciência no início do século parece ter sido esquecido. A física, a biologia, a química e a medicina produziram uma autêntica revolução tecnológica: semicondutores, radioatividade, informática, comunicações, rede global de computadores, antibióticos, síntese de diversos medicamentos e vitaminas, a descoberta da dupla hélice do DNA, engenharia genética, tomografia computadorizada e outras técnicas de diagnóstico, cirurgias cardiovasculares, avanços que modificaram totalmente tecnologias e produtos utilizados no dia a dia, permitindo maior geração de alimentos e maior qualidade e esperança de vida. É verdade que o processo de industrialização trouxe associado um alto grau de deterioração do meio ambiente, além do desenvolvimento de sofisticados mecanismos de destruição, como as armas nucleares, riscos implícitos em processos de alto conteúdo tecnológico que podem causar danos imprevisíveis no caso de acidentes. Pior ainda, ciência e tecnologia são instrumentalizadas e se inserem no processo capitalista de produção, ficando cativas das grandes corporações e do seu objetivo principal, o lucro, sem considerações da utilidade ou necessidade, individual ou social, do produto gerado.

Estas são as características marcantes dos modernos sistemas econômicos com alto conteúdo tecnológico, extrema concentração de capital e processo não-democrático de tomada de decisões. Tais modelos são preocupantes, especialmente depois da ocorrência de *acidentes tecnológicos* com efeitos pavorosos como os de Seveso, Bhopal ou Tchernobyl, de falhas inexplicáveis que derrubaram aviões de última geração, de naufrágios de super-

petroleiros que contaminaram milhares de quilômetros de costas, ou de catástrofes naturais originadas por alterações irreversíveis no meio ambiente, como no caso do Brasil, onde o desmatamento fez com que as chuvas arrastassem edifícios e favelas inteiras no Rio de Janeiro e em Salvador. Todos os desastres, acidentes e falhas tecnológicas, somados às agressões constantes à natureza, terminaram por gerar uma atitude *anti-científica* na sociedade, tanto na América Latina com nos países de Primeiro Mundo.

De fato, um alto grau de nocividade é inerente ao sistema que utiliza ciência e tecnologia a seu serviço e não do próprio conhecimento ou do bem comum. É a velha luta descrita no Gênesis: quem comer do fruto proibido da árvore da sabedoria consegue a liberdade, mas a liberdade pode levar à própria aniquilação.

É neste ponto que reside provavelmente o principal apelo dos discursos místicos, dos caminhos de iniciação, das terapias alternativas, da astrologia, da numerologia, da neurolinguística e de outros métodos de auto-ajuda. São práticas relativamente *inocentes*, independentes do processo produtivo, que não agridem nem a natureza nem o ser humano; no melhor dos casos, são *inócuas*. Os benefícios aparentam ser proporcionais ao investimento, e os maiores favorecidos parecem ser os fabricantes de estatuetas de gnomos, as videntes de Tarô, os laboratórios que produzem florais e remédios homeopáticos e Paulo Coelho. Por outro lado, seu caráter totalmente dissociado não só do processo produtivo¹¹, mas também seu sincretismo desvinculado de qualquer verdade ou realidade externa, as fazem especialmente adequadas para as filosofias pós-modernas.

As ciências *paralelas* estão no seu apogeu, surgindo a cada dia uma nova terapia alternativa, sejam técnicas criadas a partir do nada, como os florais de Bach, sejam *milenaes técnicas orientais* que, apesar de *milenaes*, até hoje nunca tinham sido referidas.

A desconfiança da sociedade com respeito à ciência formal, à tecnologia e às leis em geral, faz parte de uma cultura geral de negação da racionalidade. A falta de respeito às leis penais, às leis em geral, induz ao descrédito das leis naturais: a racionalidade não encontra um ambiente propício para sua instalação e crescimento quando a estrutura da sociedade tende para o caos, quando as leis não são acatadas, quando os crimes não são castigados, quando a anarquia e a impunidade se instalam. É o enunciado contrário daquele de Anaximandro: *se a sociedade é caótica, também o será a natureza*.

Tudo o que é racional cheira a falso. Todos os progressos tecnológicos gerados pela ciência são considerados insignificantes porque essa mesma ciência gerou monstros, desde a bomba atômica até o buraco na camada de ozônio. A suposta malignidade da ciência leva ao renascimento do ocultismo, da astrologia, e de práticas mais cruéis, como os assassinatos em rituais de seitas. A

¹¹ O limite entre as técnicas de auto-ajuda e o simples estelionato nem sempre é definido. A venda de produtos que prometem resultados infalíveis é tão antiga quanto a humanidade. Mais recentemente, o enriquecimento fácil e rápido é a promessa de empresas de venda direta, tipo Amway, criando esperanças de uma "nova vida" para seus filiados.

¹² Não vamos analisar aqui as áreas no limite entre ciência formal e paralela, como a parapsicologia.

humanidade está à procura de novos caminhos: poder secreto das pirâmides, terapia de cristais, medicina quântica. É fácil ver pessoas na televisão falando com naturalidade da sua vida pregressa, em que era legionário romano¹². Ocupando um lugar deixado vago também pelas religiões tradicionais, as ciências paralelas oferecem uma vocação revolucionária da qual a ciência moderna abdicou.

As práticas de ocultismo e de magia negra já eram correntes em países atrasados, como no Haiti com seus mortos-vivos, mas também no Brasil, México e Peru, onde influências religiosas e místicas, de origem americana ou africana, somadas à falta de instrução de grandes setores da população, fortalecem o pensamento mágico e as igrejas alternativas. Em países com maior tradição cultural, como a Argentina, o império do arbítrio e do crime sem castigo na época dos regimes militares, e a estagnação econômica que subsiste mesmo depois do retorno da democracia, fizeram florescer modismos e rituais ligados a astrologia, espiritismo, curas alternativas, e fomentaram o turismo *místico*: viagens ao Brasil para consultar *médiuns*, visitas a santuários para presenciar possíveis aparições da Virgem. O renascimento das ciências ocultas e de seitas religiosas (combinado com tráfico de drogas) também é evidente no Primeiro Mundo. A *Seita da Verdade Suprema* no Japão, a *Scientology* nos Estados Unidos, A *Ordem do Templo Solar* na Europa, fazem parte de um enfoque do mesmo tipo, anti-racional e mágico e mostram como a necessidade de propostas e objetivos comuns é aproveitada pelos grupos místicos e pseudo-místicos para cativar pessoas no limiar da desesperança. A esta listagem devemos acrescentar o número crescente de seitas que praticam a lavagem cerebral dos seus membros, supremo requisito de eliminação da racionalidade, e os levam com frequência ao suicídio individual ou coletivo. Em todas elas, uma combinação letal de aproveitamento da moda mística com o anseio de lucro, já que geralmente seus líderes enriquecem às custas do desamparo de seus fiéis.

É inútil alertar contra a ameaça das seitas, ou argumentar que as terapias alternativas só funcionam para alergias e dores de cabeça, ou que quando se trata de doenças sérias, como câncer ou AIDS, nem florais nem companhias de seguros dão garantias. A quem recorre a sociedade nesses casos? A ciência, tradicional, com laboratório, avental e tubo de ensaio. Os artistas de Hollywood não se reúnem no Vale da Lua para fazer uma oração para Astarté; eles vão ao Presidente e ao Congresso pedir verbas para pesquisa. O alimento barato que sustenta o plano Real no Brasil tem sua origem no crescimento extraordinário da agricultura e da criação de gado graças à tecnologia científica. O corte de verbas para a pesquisa pode levar a agricultura e a economia de volta à Idade Média.

Há que se perguntar então se é a ciência que está em crise ou se é o império incontestado de um sistema econômico perverso que termina corrompendo todas as manifestações humanas – amor, razão, ciência –, transformando-se na negação da Sabedoria.

O caos

Não deixa de ser irônico o fato de a ciência formal ter fornecido os principais argumentos para seus críticos. Já falamos da teoria quântica e de suas conseqüências. No fim do século XX, uma nova área da física e da matemática alimenta ainda mais esta tendência: a *teoria do caos*.

Os argumentos esgrimidos pelos cientistas para diferenciar a *ciência formal* das chamadas *ciências* ou *terapias alternativas*, têm sido quase sempre as diferenças de metodologia e a preditibilidade. Ou seja, a ciência tem um método (implícito ou explícito): indução, experimentação, teoria, predição, verificação. Os resultados científicos podem ser reproduzidos de forma independente por terceiros, muitas vezes deduzidos logicamente, e a partir das hipóteses da teoria é possível fazer predições de novos resultados com assombrosa exatidão. Um dos exemplos mais famosos é a descoberta do planeta Netuno no século passado: Leverrier e Adams usaram as equações da mecânica para predizer a posição de um novo planeta; Galle apontou seu telescópio na direção prevista e lá se encontrava um planeta nunca antes observado, grande triunfo da ciência em geral e da mecânica newtoniana em particular. E o mais notável deste triunfo é que ele foi conseguido mesmo que esta concepção não seja *verdadeira*.

A mecânica newtoniana não é verdadeira em dois sentidos: primeiro, porque ela é apenas o limite de baixas velocidades da (moderna?) teoria da relatividade e o limite macroscópico da mecânica quântica, novos paradigmas que explicam fenômenos em cuja descrição ela própria falhava; segundo, porque as órbitas planetárias não são tão previsíveis como parecia no século passado, existindo a possibilidade de que alguns movimentos sejam *caóticos*.

Já vimos que a teoria da relatividade, além de destronar Newton, introduziu a idéia de *relativo* na ciência, e que a física quântica não só eliminou a possibilidade do conhecimento absoluto mas, na sua acepção mais radical, simplesmente nega a existência da realidade externa, colocando-a exclusivamente na mente do observador. Porém, como os efeitos relativistas aparecem a velocidades fantásticas, da ordem da velocidade da luz (300.000 km/s) e os efeitos quânticos estão limitados ao mundo microscópico, afastado da experiência cotidiana, o mundo “real”, visível, parecia estar a salvo destas heresias. O golpe de graça é dado pela comprovação de que mesmo as equações determinísticas de

¹³ Na meteorologia, chama-se de *efeito borboleta* o fato das condições climáticas serem tão sensíveis a pequenas variações das condições locais – de, por exemplo, pressão e temperatura – que *o bater de asas de uma borboleta na Amazônia pode gerar uma tempestade no Japão*.

¹⁴ Curiosamente o caos parece ser um fenômeno clássico, originado precisamente no determinismo das equações newtonianas. A existência de caos quântico é objeto de controvérsia.

Newton são incapazes de prever a evolução futura do Universo com exatidão: é o *caos*, o comentado efeito *borboleta*¹³, que faz com que todo sistema complexo mais cedo ou mais tarde tenha um comportamento completamente imprevisível e termine em catástrofe, como no filme “*O parque dos dinossauros*”. Um exemplo simples de caos é deixar cair uma torrada com manteiga. Neste caso, não podemos prever de que lado ela vai cair, mesmo que a lei de Murphy diga que sempre o fará com o lado da manteiga para o chão, e que uma pequena variação no ângulo inicial fará com que a torrada solta obedeça ou não a essa lei. No movimento da Terra ao redor do Sol, sabemos que as durações do dia e do ano podem ser determinadas com grande precisão, mas não se esses valores serão os mesmos em um bilhão de anos, nem mesmo se a Terra, caso ainda exista, vai continuar em órbita em torno do Sol. Não há forma de demonstrar a *estabilidade* do Sistema Solar. Uma pequena variação nas forças gravitacionais combinadas do Sol e dos planetas pode alterar radicalmente a órbita de qualquer objeto astronômico e seu comportamento a longo prazo. Se o astro em questão é um cometa, a alteração afetará sua luminosidade (lembre-se da última aparição, quase invisível, do cometa Halley; o efeito da atração gravitacional dos planetas e asteróides do Sistema Solar provocou pequenas mudanças de trajetória, mudando o comprimento e luminosidade da sua cauda). O desconhecimento da evolução a longo prazo de um sistema, ainda que conheçamos as leis em ação (no exemplo a lei da gravidade) é o que denominamos de *caos*. Por causa dele, não é apenas no campo da física quântica que a ciência está impedida de fazer previsões exatas, mas igualmente nos fenômenos clássicos¹⁴. A teoria do caos também tem sido aplicada, com sucesso, na antropologia e na economia, onde os comportamentos de grupos sociais, ou das cotações bursáteis, apresentam uma imprevisibilidade que parece bem menos surpreendente que o efeito borboleta.

A filosofia, por sua vez, também se deixa invadir pelo indeterminismo e nos abandona sem um sistema de mundo, sem uma cosmovisão, sem objetivos de vida. No fim de século não há filosofia, nem propostas políticas de espécie alguma. Nenhum sistema filosófico aparece depois de Marx e Hegel. A chamada escola de Frankfurt se concentra no estudo da ética, e o pós-modernismo é simplesmente a abdicação da filosofia, pois ao jogar fora a racionalidade desiste de qualquer tentativa de obter uma visão coerente do mundo.

Talvez em razão do Brasil estar permeado de uma tradição de misticismo, irracionalismo e magia, as filosofias pós-modernas tiveram notável sucesso no país. Em nível mundial, o pós-modernismo caiu freqüentemente na armadilha de constituir-se no arcabouço teórico para o mais reacionário apoliticismo: se nenhuma ideologia ou modelo político é diferente de outro, as coisas

devem ficar como estão, porque toda ação de mudança, toda ação política, é racional, planejada, e deve portanto ser evitada.

Não é apenas o pós-modernismo a legitimar as políticas conservadoras. A queda do império soviético serve de alibi para a direita, que vê sua doutrina aceita “globalmente”, até por antigos ideólogos de esquerda, como o atual presidente Fernando Henrique Cardoso. A direita (sob a legenda do *neoliberalismo*) governa agora sem oposição nenhuma: “*Não é mais necessário conceder férias pagas, aposentadoria e seguro-saúde, isto só aumenta o custo da produção e é portanto negativo para o sistema*”. (Na realidade, estas foram concessões feitas aos sindicatos nos tempos em que o capital tinha que combater a ameaça comunista). Por outro lado, o capitalismo triunfante deixa os esquerdistas de consciência limpa: “Afinal nós tentamos, mas não deu certo”. Qualquer perspectiva de câmbios nas atuais relações de poder e de produção é descartada *a priori*. É constrangedor ver nos meios de comunicação as campanhas contra a miséria, contra a fome, ou pedindo ajuda para crianças de rua; constrangedor porque no final do século vinte, o único recurso que a sociedade tem para oferecer no combate à miséria é uma caridade pré-vitoriana.

A antropologia e a sociologia não fazem melhor; os autores modernos, constrangidos pelo relativismo dominante, renunciam à tarefa de elaborar modelos ou formular propostas alternativas. Com raras exceções, os diferentes autores tendem à aceitação resignada e apática da situação, além de estimular indiretamente os brotes místicos como única alternativa de transformações. Todas as ideologias foram condenadas, junto com as tentativas de qualquer revolução ou de modelos de sociedades planejadas.

Nada indica que a valorização unilateral do particular possa conduzir a uma sociedade menos belicosa ou mais solidária. Ao contrário, uma sociedade esvaziada de um projeto comum e de qualquer conteúdo ético é tão hostil quanto outra baseada em ideologias ou religiões (veja-se o crescimento mundial dos crimes praticados por adolescentes, criados sem limites e sem filosofia e que aparecem retratados de forma desesperada no filme *Natural Born Killers*). A insensibilidade da sociedade para com o sofrimento, sua indiferença frente ao desemprego, à doença e à fome, se traduzem em sentimentos similares nos jovens. Qual o erro em queimar um mendigo, ou um índio, como fazem os jovens brasileiros, se a sociedade neoliberal vai eliminá-los de qualquer maneira? Queimar um índio causa escândalo por ser um ato cruel e individual, diferente da violência silenciosa do desemprego e da fome, mas a sociedade não tem condições nem autoridade para condenar os jovens (ou os policiais truculentos) que exibem um gosto particular pela violência e uma rara insensibilidade para com a dor alheia, já que ela própria patrocina essa atitude. Fora do Brasil, por exemplo na Rússia, Yeltsin, ídolo dos anticomunis-

tas, elogiado por bombardear seu próprio parlamento, tem se mostrado tão intransigente e sanguinário na Tchecônia quanto um novo Stálin; por outro lado, Moscou e São Petersburgo ficaram cidades tão perigosas quanto o Rio de Janeiro ou Medellín; finalmente, na Europa e no Brasil, a droga, o álcool ou os acidentes de trânsito causam mais mortos que a AIDS, ou que um dia comum em Argel.

Se de fato a ideologia ou a religião podem se transformar facilmente em ferramentas das ditaduras, como no caso do nazismo ou do islamismo fundamentalista, também é certo que uma sociedade sem objetivos e sem filosofia, onde o lucro é santificado, não tem pilares profundos para sua ética; esta torna-se superficial, baseada somente na conveniência ou no medo ao castigo. Ao mesmo tempo, está aberta para qualquer crença, seja em gnomos ou em privatizações, em cura pelo espaço ou em globalização da economia. Segundo sondagem recente, na Europa as pessoas não confiam nos políticos, considerados sempre corruptos, e acham que as eleições são decididas pelos meios de comunicação. Essa perda de credibilidade dos políticos arrasta junto a Política, a arte de organizar uma sociedade na procura do bem de cada um e do bem comum. Como contrapartida, as pessoas depositam sua confiança em propostas mirabolantes, feitas por gurus mais espertos do que irracionais.

A guerra do Vietnã foi, possivelmente, o último conflito “moderno” (sem pós) do século XX e gerou os derradeiros enfrentamentos com fundo ético nos Estados Unidos e no mundo inteiro: o movimento dos hippies, dos pacifistas e dos opositores à guerra. Movimento que parece não ter deixado herdeiros, se levarmos em conta a atitude dos americanos frente à guerra com o Iraque. (Mas não se pode esquecer que a última foi uma guerra curta, vista do lado ganhador como quase um *video-game*). De outra parte, a oposição à guerra do Vietnã se originou nos *campi* universitários, hoje totalmente esvaziados de política e de revolta (estão mais para *Simple Minds* que para *Hearts and Minds*).¹⁵

Nos anos sessenta, que presenciaram os movimentos pacifistas, deram-se também os movimentos pela igualdade racial, pelo amor-livre, pelos direitos da mulher; no Terceiro Mundo, os movimentos de libertação nacional, as guerrilhas, as lutas pelos direitos humanos; na Europa, maio de 68, etc. Esses movimentos foram extremamente ativos e deixaram marcas profundas: luta, exílio, prisão, tortura e morte, particularmente para milhares de sul-americanos. Toda luta, com todos os milhares de mortos chorados pela América Latina, parece ter sido em vão, mesmo que ainda existam – e sem atenuantes – os problemas que a provocaram; entre eles fome, miséria, analfabetismo, condições de vida subumanas, não só na América Latina, mas em forma crescente na Europa neoliberal e nos Estados Unidos. Os anos sessenta foram

¹⁵ Pode-se argumentar que, nos anos 80-90, o movimento ecologista é o único que tem características similares aos movimentos estudantis e políticos dos anos sessenta. Por outro lado, este movimento é autenticamente pós-moderno no que se refere a sua assepsia política, apesar de ter se aliado com a esquerda nas últimas eleições francesas.

anos de ilusão, diz Paul Johnson. Para alguns a ilusão foi pensar que o sistema podia ser mudado, para ele a miragem foi pensar que havia defeitos no capitalismo. Se foi ou não ilusão é um ponto que compete à sociedade analisar. Ninguém pode pretender retornar aos anos sessenta, mas tampouco se pode estabelecer as bases de uma sociedade democrática, orientada para o bem comum, ignorando a história, e em particular a história recente.

No final do século XX, uma maquinária de propaganda muito bem montada tenta mostrar que não existem mais conflitos e que o final da história foi atingido. Porém, as recentes eleições na Europa parecem indicar o contrário: é notável a crescente revolta, particularmente em sociedades bem educadas, contra a globalização e o (neo?) liberalismo. É a democracia mostrando sua importância na transformação da sociedade, mas é também o exemplo de que a educação é indispensável para as mudanças.

É do conflito entre os detentores do poder econômico e a opinião pública (poderíamos chamá-lo de luta de classes?) e da solução democrática desse conflito que poderão surgir uma nova proposta e uma sociedade mais equilibrada. Contudo, uma sociedade só pode ser democrática se a população e seus representantes possuírem educação e formação suficientes para tomar decisões num mundo de alta tecnologia. Voltamos assim ao ponto de partida, à necessidade do Saber, da educação, da ciência. A escola e a universidade são fundamentais, podendo fazer a diferença entre crescimento e miséria. Em muitos países a educação é deficitária, desatualizada, ou simplesmente inexistente e em outros, onde era excelente, foi destruída (no Chile e na Argentina, por exemplo, durante os regimes militares). A saída consiste em proporcionar, no ensino primário e secundário, uma sólida educação em ciências (humanas, sociais, biológicas, naturais e exatas) e uma análise crítica da própria ciência. Deste modo, a sociedade poderá assumir decisões na área de ciência e tecnologia e realizar avaliações objetivas dos riscos implícitos na utilização de determinados processos, avaliações cujos parâmetros não sejam, como hoje, determinados por um certo pensamento mágico, por preconceitos anti-científicos ou por critérios tecnocráticos típicos de um modelo de desenvolvimento que adota sem discussão paradigmas dominantes no pólo mais desenvolvido. É possível conservar a individualidade e a criatividade mesmo dentro do paradigma da globalização, mas para isso a Educação e o Conhecimento são indispensáveis.

*“Radiante e imaculada é a Sabedoria,
facilmente é descoberta por aqueles que a amam
e encontrada por aqueles que a buscam;
Ela própria se adianta, revelando-se
para os que a procuram.”*

José Roberto Iglesias é professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sabedoria 6, 13-14